

**PARA ALÉM DA RAZÃO:
EXPERIÊNCIAS RADICAIS DE
ENSINO-APRENDIZAGEM EM
CIÊNCIAS SOCIAIS (UMA REFLEXÃO
SOBRE O CURSO “TÓPICOS
UTÓPICOS”, 2017-2018)**

Jacques Mick [*]

Noa Cykman [**]

Renata Andriolo Abel [***]

[*] Doutor em Sociologia Política (UFSC). Professor dos programas de Pós-Graduação em Jornalismo e Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.

ORCID: 0000-0001-8456-9488

E-mail: jacques.mick@ufsc.br

[**] Mestre em Sociologia Política (UFSC). Doutoranda em Sociologia na University of California (UCSB).

ORCID: 0000-0002-2070-4203

E-mail: noacykman@ucsb.edu

[***] Licenciada em Ciências Sociais (UFSC). Mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina.

ORCID: 0000-0002-4573-3035

E-mail: renata.abel@live.com

RESUMO

O artigo relata experiências pedagógicas radicais realizadas entre 2017 e 2018, no âmbito de um curso de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, chamado *Tópicos Utópicos*. O curso se propôs a tratar de temáticas pouco usuais nas disciplinas especializadas das ciências sociais (antropologia, sociologia, ciência política), explorando dinâmicas originais de estímulo à aprendizagem e de construção coletiva do conhecimento. Em torno de temas como o amor, a morte, a magia, o sonho, o curso alcançou 164 pessoas, de todos os níveis acadêmicos, com variados graus de engajamento. As estratégias adotadas tiveram por objetivo explorar aspectos não racionais e não convencionais da construção do saber, embora fundamentais – a arte, o jogo, o corpo, o afeto, o coletivo, o espontâneo etc. A combinação de grande variedade de dinâmicas de aprendizagem estimulou a dissolução de fronteiras entre o racional e o extra-racional. O resultado foram experiências intensas em criatividade, risco, estudo e compreensão. Tais práticas mobilizaram os conceitos de educação libertária e de educação não-formal, elementos de outras áreas do conhecimento e ainda saberes não-acadêmicos.

Palavras-chave: Utopia. Educação não-formal. Ensino de sociologia. Experiências pedagógicas. Não-racional.

O DESAFIO

Inovar, renovar, experimentar, criar, ser original — exortações assim são lugares-comuns para a docência em todas as áreas, há décadas. Tudo aponta para a importância/necessidade/urgência da inovação: a onipresença da tecnologia, a complexidade dos saberes, os limites das disciplinas, a frágil hierarquia na sala de aula, os apelos do mercado, as ambições do Estado... Inovar é ser moderno, estar na vanguarda, pensar diferente. Para além dos clichês que, em geral, legitimam truques, técnicas, práticas, esquemas (ainda que engenhosos), o quanto podem, de fato, serem radicais as experiências de ensino-aprendizagem? Até onde é possível esticar, desfazer o modelo atual? A que ponto é possível profanar as hierarquias, remeter a docência a um lugar dialógico, dissipar as fronteiras disciplinares para serpentear entre saberes diversos, converter a educação de rotina em experiência — ou, em termos bastante bourdieusianos, distanciá-la da reprodução para que possa, de fato, convidar à mudança? Atrás de quase todo apelo por inovação, afinal de contas, há alguém em busca de um/a mestre capaz de transmitir conhecimento a alguém... A apologia da inovação é, no fim, um obstáculo à inovação: ela mercantiliza o novo em formatos multiplicáveis por livros, apostilas, planos de aula, educação à distância.

E se fosse possível a uma aula, a um espaço de aprendizado, abraçar alegremente a incerteza, o espontâneo e o não-sabido? Aprender com a descoberta e o erro, viver experiências singulares, procurar o ponto em que a razão se encontra com o que a ela escapa? E se isso for feito explorando temas conectados às interações entre humanos (e não apenas humanos) — tópicos definitivamente sociais, mas jamais submissíveis (porque insubordináveis) à ciência?

Indagações assim levaram a equipe do projeto de extensão Laboratório da Utopia,¹ da Universidade Federal de Santa Catarina, a conceber uma experiência pedagógica radical, com o objetivo de percorrer temas transdisciplinares, a partir de estratégias de ensino-aprendizagem nada ortodoxas. Realizado em duas edições entre 2017 e 2018, o curso de extensão *Tópicos Utópicos* percorreu onze temas centrais à vida contemporânea, todos com um eixo em comum:

a crítica à perspectiva epistemológica fundadora da modernidade e à pedagogia a ela associada. A análise dos limites da episteme moderna, pano-de-fundo do curso e do exercício que aqui se propõe, flerta com a linhagem da filosofia pós-estruturalista, embora não se restrinja a seu território acadêmico.

Este artigo reflete sobre o impacto das estratégias pedagógicas experimentadas no curso Tópicos Utópicos para o ensino de sociologia e áreas afins (antropologia, “ciência” política, humanidades). Nas próximas seções, explicamos as motivações que nos moveram, a dinâmica das vivências, as características do grupo envolvido na experiência e as aprendizagens desdobradas pelo processo. Não pode haver nenhuma expectativa de que este relato contribuirá com a reprodução da experiência ou sua réplica, em pequena ou maior escala: como a premissa do curso era justamente valorizar o irrepetível em toda a sua potência pedagógica, toda nova edição será necessariamente original.

A VONTADE

A crise ou o limite do paradigma epistemológico da modernidade se revela no fracasso em atingir um controle formal de todos os fenômenos e esgotar os processos do mundo em medidas e respostas objetivas; insuficiência ante a variedade mais profunda e impermanente das coisas em que se misturam objetos, sujeitos, meios. Métodos também estão dentro: tudo continua de uma coisa a outra, não há como destilar uma parte do mundo para purificá-la de outra — a neutralidade é também produtora de sentido. A crítica ao paradigma epistemológico da modernidade é, concomitante, uma crítica ontológica, uma crítica ao modo de vida que se produz a partir do desejo reativo de calcular e medir o mundo e seus fenômenos, contabilizar a vida e suas nuances, controlar os acontecimentos, prever os desdobramentos, explorar os recursos. Tal desejo não pode tampouco ser condenado (embora possa, certamente, ser criticado), pois, de alguma forma, foi a maneira com que os humanos das terras mais ao Norte encontraram para conhecer e estar no mundo em que viviam. É de lamentar, entretanto, que nessa tecitura de relação com o mundo a objetificação e o distanciamento tenham caminhado à frente da subjetivação e da

aproximação. Não se trata de negar reconhecimento às invenções e desdobramentos alavancados pelo paradigma moderno, mas de apontar as catástrofes em potencial derivadas de um modo de pensamento — e de vida, portanto, é sempre de vida² — que não admite, em si, catástrofe alguma; um saber que afasta constantemente o imprevisível, o incerto, o incapturável — tudo aquilo que perfaz a potência da vida viva.

Trata-se de um saber que pretende emergir de um pensamento afirmativo de universalidade e de afinidade com o verdadeiro. [...] enxerga a realidade como um “sólido”, [...] pretende constituir modelos estáveis, homogêneos, eternos, sempre à cata de invariantes, [...] faz da realidade algo de plenamente mensurável, pressupondo um espaço linear, fechado, em que vamos de retas a paralelas – espaço estriado (métrico), em que a mensuração prepara para uma ocupação sedentária; [...] baseado numa racionalidade pressuposta, para a qual os problemas não passam de obstáculos a serem superados rumo ao elemento essencial (ONETO, 2010, p. 154).

Um saber vindouro de um modo de vida que se preocupa em estipular limites e deixá-los bem ali onde estão, em alimentar a ilusão de ordenar o caos, fixar a separação entre os termos para que o significado possa emergir e não mais ser alterado; um saber que governa. Ordem é sua palavra central, esta que “espera em silêncio o momento de ser enunciada” (FOUCAULT, 1999 pinçado por RAMO Y AFFONSO, 2008, p. 20); esta que, desligando a vida de suas condições, coloca condições à vida (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 106). Um saber e uma vida — é sempre sobre um *modo de vida* — preocupados em durar enquanto o Mesmo. Nessa insistência da duração, de continuar sendo o que já se é, sabendo o que já se sabe, percebendo como já se percebe, faz-se importante restringir, ao máximo, as possibilidades de afetações e contaminações advindas de um Outro. O modo de vida moderno tem muros de concreto cinza erguidos contra qualquer manifestação que lhe escape à apreensão, que provoque o conhecido, que perturbe os limites que ele próprio teceu; tem pavor da diferença. A alteridade não encontra terreno para brincar, pois tornar-se outro implica deixar de durar — não ser mais o mesmo é admitir-se precário, poroso, finito, em contramão ao delírio universalista do pensamento moderno, que pretende-se homogêneo, sólido, constante. Tal forma de pensar e de existir afasta-se progressivamente da vida viva, potente, alegre; distancia-se do mundo no momento em que julga poder dominá-lo.

Desde o "pensamento complexo", Edgar Morin (2010, p. 14) pondera:

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos.

Do modo de pensamento e de vida da modernidade desdobrou-se um modo de educar à sua imagem e semelhança. O processo de escolarização e de formação acadêmica, em seus modelos institucionais comuns, não serve senão para suprir o mundo com os sujeitos de que a narrativa em vigor necessita para se sustentar enquanto norma. Em outras palavras, o poder produz verdade, e a verdade é produtiva e tem efeito de poder. A escola comum, tal como se a imagina, é a própria prisão; a preparação embrionária da ordem. Na descrição de Michel Foucault (1999, p. 129):

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito (FOUCAULT, 1999, p. 129).

A universidade é um prolongamento do modelo escolar. Como nota Emanuelle Coccia (2018),

Essa limitação epistemológica corresponde a uma limitação de natureza social ou sociológica. O nascimento da universidade não corresponde ao nascimento de novos saberes ou de uma nova organização dos conhecimentos, mas ao estabelecimento de uma nova organização dos estudiosos (COCCIA, 2018, p. 112-113, grifos do autor).

Tal "etiqueta do saber", observa Coccia, serve para cercear a vontade de saber e impedi-la de avançar não em direção ao exterior, mas ao interior do sujeito. Jacques Derrida (2003), ao fazer similar denúncia em nome da "Universidade sem condição", defende a desconstrução como justiça; a desconstrução feita por um pensamento que é justamente aquilo que pode operar ou inspirar, em uma lei superior às leis, a justiça da resistência ou da dissidência.

Essa lei, esse direito fundado sobre uma justiça que o ultrapassa, nós deveríamos abrir-lhe um espaço sem limite, e nos autorizar, assim, a desconstruir todas as figuras determinadas que essa incondicionalidade soberana pôde assumir na história (DERRIDA, 2003, p. 24).

Conhecer não é acumular itens numa linha de produção; é um modo de, sabendo-se limitado, agenciar o mistério. Trata-se mais de um movimento espiralado, variante e espectral do que reto, uniforme e monocórdio. Como incita Foucault (1984, p. 13), “de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”. Na provocação do Comitê Invisível,

destituir a universidade é estabelecer longe dela lugares de pesquisa, de formação e de pensamento mais vivos e exigentes do que ela é — não é difícil —, ver afluir para tais lugares os últimos espíritos vigorosos já cansados de frequentar os zumbis acadêmicos, e somente então dar-lhe o golpe de misericórdia (2017, p. 97).

Como fazer diferente? Como desvendar regiões incógnitas? Como habitar e alargar fissuras do atual sistema de ensino (que não logra ser tão monolítico quanto desejaria) para, nelas, enxertar práticas originais, baseadas na recusa à fragmentação do pensamento e às hierarquias que configuram e constroem o espaço de aprendizagem? Em resposta a esse desafio emergiu a criação de uma zona de experimentação epistemológica coletiva, com o objetivo de conhecer através do descobrir(-se) em conjunto, inventando novos corpos de saber a partir dos tecidos singulares das subjetividades presentes. Uma busca de abrir espaço para uma “[...] ‘ontologia prática’, dentro da qual o conhecer não é mais um modo de representar o (des)conhecido mas de interagir com ele, isto é, um modo de criar antes que um modo de contemplar, de refletir ou de comunicar” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 96).

Foi nessa direção que o desejo se moveu: no rumo de transgredir fronteiras, quebrar paradigmas, alimentar a inspiração sensível e criar novos jeitos de pensar para inspirar a imaginar desde outros lugares da mente, do corpo, do coletivo, do globo; trocar ideias e intuições e começar a criar os mundos desejados. O desejo tomou a forma de um curso, a que se deu o nome *Tópicos Utópicos*.

A PRÁXIS

O *Tópicos Utópicos* foi um curso de extensão promovido pelo Laboratório da Utopia, projeto de pesquisa-ação da UFSC voltado ao fortalecimento e à polinização de formas potentes de viver e de pensar. A criação do curso surgiu da sensação de urgência intelectual para uma

reinvenção radical dos modos de conhecer cristalizados pelo padrão moderno; uma insurgência de mentes-corpos-afetos ávidos por estudar experimentando — sendo a experimentação não um protocolo para confirmar uma hipótese, mas constituidora do próprio conhecível. Para partilhar e construir os conteúdos selecionados, cada encontro teve sua configuração singular, planejado por diferentes pessoas, desde o acordo básico de que sempre houvesse ao menos um elemento além de uma discussão racional via linguagem falada. Estrutura para desestruturar, desertar do paradigma, desterritorializar o logos, experimentar a mistura, fertilizar o pensamento e outros sentidos.

As duas edições dos cursos *Tópicos Utópicos*, em dois semestres, envolveram ao todo 165 pessoas. Um pequeno número de participantes se manteve frequente; menos de dez acompanharam integralmente cada uma das séries de encontros. O grupo mais constante foi formado pela equipe do Laboratório da Utopia e estudantes de graduação em Ciências Sociais ou em pós-graduação em Sociologia Política da UFSC. O contingente mais amplo de participantes foi bastante heterogêneo, embora nele tenham prevalecido ainda estudantes universitários. Foi pequena a presença da comunidade de não-estudantes, mas houve visitantes.

Foram tratados os seguintes temas gerais, experimentando a mistura entre eles, fertilizando a razão com outros sentidos: anticapitalismo, afeto, alteridade, linguagem, utopia, magia, destituição, tempo/morte, sonho, o buraco da emoção, amor. Cada tema serviu como eixo de categorias mais ou menos canonizadas, desde textos e fontes pertencentes ou não à tradição de conhecimento acadêmico. Temas, tons, tessituras para rebentar o que pode vir-a-ser. Poros e neurônios implicados mutuamente em uma zona de descoberta e invenção coletiva. Arena de livre ensaio, sem receita e sem justificativa por precedentes. O objetivo era estudar e discutir temas e textos com ideias inspiradas para transformar o mundo, e fazê-lo de modo também heterodoxo, experimentando modos distintos de ensinar-aprender (Quadro 1).

QUADRO 1 - Títulos, temas, referências e recursos didáticos do curso Tópicos Utópicos (UFSC, 2017-2018)

Título e data do encontro	Tema	Referências	Recursos didáticos
Zero (08/08/2017)	Apresentação da proposta, conhecimento do grupo, definição de funcionamento dos encontros.	-	Poemas e frases (Octavio Paz, Mario Benedetti, Alejandra Pizarnik, Augusto de Campos, Maria Schubak, Chacal, entre outros/as). Imagens (John Holcroft, Liniers e outros/as). Vídeos (trechos de Koyaanisqatsi: Life Out of Balance, dirigido por Godfrey Reggio). Ambientação do espaço. Jogos e dinâmicas de grupo.
Anticapitalismo (22/08/2017)	Narrativas e possibilidades de vida fora do sistema capitalista ou em suas fissuras.	Boltanski; Chiapelo (2009), Comitê Invisível (2016), Holloway (2017), Pignarre; Stengers (2011).	Produção artística criativa e confecção de "lambes" para colar na cidade posteriormente.
Afeto (05/09/2017)	Interações afetivas e individualismo; poliamor, amor livre e outras vivências afetuosas. Que afetos movem a utopia?	Deleuze (sobre Spinoza) (1978), Rolnik (1998), Malatesta (1977). <u>Vídeos</u> : Abecedário de Deleuze (A de amizade; D de desejo). <u>Filme</u> : Nise: O coração da loucura, de Roberto Berliner).	Leitura de poesia. Dinâmica de grupo: andar em direção ao outro e afetá-lo de alguma forma (positiva ou negativa). Produção criativa. Partilha de alimento.
Utopia (19/09/2017)	Utopia como força criativa, sentidos à utopia, esburacar os dogmas.	Sousa (2007). <u>Música/poesia</u> : Utopía, Joan Manuel Serrat.	Dinâmica de grupo, perguntas provocativas, exercício imaginativo, produção criativa.

<p>Linguagem (03/10/2017)</p>	<p>Limites da ideia de representação do mundo; limites impostos pela ciência à sua linguagem; potências poéticas.</p>	<p>Compagnon (1999), Deleuze; Guattari (1997). Cabala judaica (fontes diversas). <u>Poesia:</u> Paulo Leminski. <u>Literatura:</u> Eduardo Galeano; Jorge Luis Borges.</p>	<p>Dinâmica de grupo. Música. Jogos.</p>
<p>Alteridade (17/10/2017 e 31/10/2017)</p>	<p>O lugar do Outro; formas de compreender e experimentar a relação com a diferença.</p>	<p>Todorov (1982), Viveiros de Castro (2015). Koan zen-budista. Entrevista com Jean Bosco Kakozi Kashindi (Machado, 2015). Davi Kopenawa Yanomami (1998). Artigos jornalísticos (NY Times, Piauí, Outras Palavras). Poesia: Audrey Lorde, Marin Niemoller e outros/as. Imagens: por Rosana Paulino, Cildo Meireles e outros/as.</p>	<p>Distribuição da leitura dos artigos entre as pessoas que pretendiam participar do encontro. Meditação guiada. Vídeos: entrevistas com Edgar Morin (sobre universal/particular), Cristian Dunker (sobre escutar o outro), Vivieuvi (sobre Amália Uman).</p>
<p>Destituição (14/03/2018)</p>	<p>Destituição como uma possibilidade estratégica de fissurar o sistema vigente.</p>	<p>Comitê invisível (2016; 2017).</p>	<p>Dinâmica de exploração do espaço e das conexões. Dinâmica de grupo. Desenho de plano de desgoverno coletivo.</p>
<p>Magia (04/04/2018)</p>	<p>Conceitos e práxis da magia.</p>	<p>Crowley (2015), Castaneda (1972; 1974), Ramo y Affonso (2010). Agrippa. Bhagavad Gita.</p>	<p>Encontro feito como ritual. Fogo, velas; tambores, maracás; aplicação de rapé (medicina indígena), cachimbo; frutas, flores, plantas; tarot, objetos pessoais de poder.</p>

<p>Sonho (25/04/2018)</p>	<p>Potência do sonhar, sonho como forma de realidade.</p>	<p>Castaneda (2016), Fred Alan Wolf (s/d). Koan zen-budista. Mitologia grega.</p>	<p>Diários pessoais de sonhos durante uma semana. Exercício de Yoga Nidra ("Yoga do sono"). Mapa mental coletivo. Consagração da "erva dos sonhos" (Calea Zacatechichi).</p>
<p>Tempo/morte (16/05/2018)</p>	<p>Como apreciamos, compreendemos, sentimos, e vivemos o tempo e a morte.</p>	<p>O livro tibetano dos mortos (2017), Jodorowsky (2005), Elias (1998). <u>Poesia</u>: poema budista de Anguttara Nikaya; Viviane Mosé. <u>Trechos</u>: Friedrich Nietzsche, Bruno Latour, Abuela Margarida, Albert Einstein, Eckhart Tolle, mitologia grega, e outros/as.</p>	<p>Performance (luto pelo minuto morto). Dinâmicas de grupo (bloco de gelo humano derretendo). "Temporal de ideias": tempo limitado para a fala, que percorre a roda e cresce a cada volta. Velório.</p>
<p>O buraco da emoção (06/06/2018)</p>	<p>Efeitos psíquicos e anímicos do sistema; a dopagem das multidões; solidão, ansiedade, dispersão, depressão.</p>	<p>Han (2015), Deleuze (2001).</p>	<p>Projeção de imagens. Dinâmica de grupo (papeis na testa indicando uma emoção que deve ser adivinhada).</p>
<p>Amor (27/06/2018)</p>	<p>Possibilidades de compreensão e de experimentação do amor.</p>	<p>Fromm (2000), Rolnik (1986). <u>Poesia</u>: Rumi, Carlos Drummond de Andrade, Khalil Gibran e outros/as. <u>Peça de teatro</u>: "Ilusões", de Ivan Viripaev (direção de Fábio Salvatti). <u>Cinema</u>: "Amour" (Michael Haneke). <u>Vídeos</u>: El contacto (Francisco Montoro); Trecho de Human (Yann Arthus-Bertrand).</p>	<p>Exercícios de teatro e contato. Performance teatral. Dança. Troca de afetos.</p>

Fonte: produção própria.

Cada encontro foi planejado por uma dupla ou um trio de voluntários, que se incumbia de propor ao menos uma atividade além do debate teórico, para complementá-lo e relativizá-lo (confrontá-lo, no mais das vezes).³ Meditação, dinâmica, jogos, tintas, dança, teatro, escrita, comida, sons, vídeo, poesia; conforto, liberdade, afeto, corpo, contato, arte, encontro, experimentação — qualquer entrada por onde a vida pudesse ser saboreada. Práticas pedagógicas de autoeducação com diversificação (anti)metodológica, para conduzir além da razão, além do padrão de comportamento habitual de sala de aula, além do que se entende por conhecimento no universo estrito da ciência formal.

Os encontros tinham duração de três horas e foram realizados em uma sala do curso de Teatro da UFSC, cuja configuração física diferia de uma sala de aula convencional. O espaço era composto por um chão de madeira, sem cadeiras nem quadro, paredes pretas e cortinas pretas ao fundo, diferentes iluminações possíveis, e decorações produzidas para cada encontro. Foi proposto, também, que cada encontro fosse registrado por uma pessoa diferente, em distintas linguagens. Embora isso não se tenha dado de forma sistemática, houve produções audiovisuais, literárias, poéticas e em forma de "zine". Além disso, um "depósito de piras", chamado de "consciência coletiva", foi progressivamente construído em um documento de texto compartilhado on-line, com comentários, citações, criações e diálogo em torno dos temas, textos e ideias dos encontros.

Na seleção de leituras recomendadas para cada encontro, deu-se que, nas escolhas feitas pelos grupos, parte fosse teoria acadêmica e outra parte de fontes variadas — textos antigos, sagrados, literários, poesia, física, filosofia, *koans* budistas, palavras indígenas, textos provindos de inúmeros lugares e vídeos. A origem geográfica (política) repetida das teorias acadêmica — a Europa e os países do Norte — pôde titubear, igualmente: lemos da Índia, Ásia, África, Oceania, Brasil, Amazônia.

Na intenção de trazer vislumbres do que foi vivido e experimentado nestes encontros, descreveremos a seguir como se deram na prática dois deles — aqueles sobre linguagem e sobre amor.⁴

Para o encontro sobre linguagem, recomendou-se a leitura de textos acadêmicos,

espirituais, literários e poéticos. O encontro iniciou com uma "jam session", para explorar as possibilidades de linguagens não-verbais, como a música. Em seguida, realizou-se a dinâmica de grupo da "negociação entre macacos". Foi pedido a todos/as que trouxessem alimentos para um piquenique. Com os alimentos no centro, o grupo foi dividido em duas "tribos de macacos", as quais deveriam chegar a um acordo sobre a partilha dos alimentos entre elas. Cada uma designou um/a representante, e as lideranças deveriam realizar a negociação da partilha sem usar palavras. O/a representante e sua tribo poderiam conversar (com palavras) de antemão e definir objetivos/estratégias, para, então negociarem. Se, após certo tempo, a negociação não chegasse a um termo, os/as representantes voltariam a suas tribos para uma reavaliação (e poderiam, ou não, trocar de representante). A dinâmica segue até que se chegue a um acordo sobre a distribuição. Em espírito cômico, o exercício demandou seriedade e foco, no delicado equilíbrio entre defender objetivos (ficticiamente "de sobrevivência"), comunicar-se com o outro, inacessível pela linguagem falada, e, entre a diferença e a concorrência, respeitar a necessidade alheia. Foram necessárias três rodadas de retorno à tribo e renegociação antes que se chegasse a um acordo.

Abriu-se, então, a discussão sobre a linguagem, agora com palavras faladas, desde as leituras e experiências. O debate se desenvolveu em torno de potenciais e limites da linguagem, para aquém e além da comunicação. Ante a alegada erosão de sua capacidade, por parte do pós-modernismo, qual o seu lugar entre utopia e ação política? Como proceder em meio à pós-verdade? A polissemia se impõe quando se alarga o uso de uma língua para além da limitação da representação. Para os antigos (episteme clássica, na arqueologia de Foucault; cabala judaica e outras tradições mágicas), a linguagem é parte do mundo, assim como as pedras, as plantas, e nele atua diretamente. Como, na circulação das utopias, comunicam-se linguagens diversas (verbais ou não)? Se, hoje, a linguagem tem uso agonístico, como poderia ser usada, para fins de negociação, em uma sociedade despolarizada? Como pensar a razão em termos de processo, não de verdade? De que maneira a utopia demanda usos não convencionais da linguagem? Abandonando a obsessão com a razão, aonde pode ir a linguagem? A linguagem alivia — nomear a angústia pode dissipá-la.

Para o encontro sobre o amor, foram indicadas leituras acadêmicas, literárias e poéticas, bem como um filme e uma peça de teatro ligadas ao tema (Quadro 1). Estava em cartaz a peça "Ilusões", de Ivan Viripaev, sob a direção de Fábio Salvatti, que também colaborou com a construção do encontro do Tópicos Utópicos (parte do encontro foi uma performance de sua autoria, intitulada "Amor"). Luzes baixas, velas, pétalas de flores espalhadas por panos e tapetes sobre o chão de madeira: esses elementos compunham o cenário onde o amor se desvelaria.

O encontro foi aberto com canções sobre o amor, em voz e violão. Em seguida, iniciaram os exercícios, inspirados pelas heranças das artes cênicas, de caminhada pelo espaço, troca de olhares, percepção do outro. O grupo foi dividido em duas rodas; em cada roda, uma pessoa por vez ia ao centro e recebia no corpo uma massagem coletiva pelas pessoas em torno. Enfim, juntando novamente ambas as rodas em uma, deu-se início à performance. Fábio a introduziu com um comentário sobre a proliferação de discursos de ódio (*hate speech*) e práticas violentas, no contexto de polarização político-ideológica. Enfatizou o caráter de contágio do ódio, em que ações agressivas conduzem a reações ainda mais incisivas. Então, deu o comando de início à performance: "façam amor". Havia apenas duas condições: que as práticas amorosas deveriam ser consensuais; e que as trocas deveriam chegar ao fim no tempo da performance. Uma playlist em torno do tema deu ritmo, tom e duração à atmosfera, com oito canções em trinta minutos.

O grupo ficou livre para "amar" — e descobrir, coletivamente, o que isso significa ou pode significar, de forma concreta, em exercício; amor deliberado, espontâneo, experimental. O movimento iniciou com olhares, abraços, desdobrando-se em danças, conversas, até lágrimas e gargalhadas, em encontros de duas pessoas, de grupos, e de pessoas consigo mesmas.

Findo o exercício, desdobrou-se a conversa sobre o tema. Não houve outro entre os encontros em que o silêncio tenha sido tão presente — mesmo preponderante com relação à linguagem falada. Talvez pelo impacto da experiência, aprendizagem direta no afeto; talvez porque o tema desafiava a eloquência do intelecto, ao ultrapassá-lo. Nos pontos em que o silêncio foi vencido em voz baixa, a performance — traduzida na ideia de espalhar amor no mundo — convidou a ressignificar os textos estudados, por meio de desdobramentos poéticos.

AS APRENDIZAGENS

Cordilheiras de sentidos costuram a paisagem das possibilidades. Em uma universidade tradicional e protocolar, lançar coquetel-pensamento é atacar dogmas e exercitar a autonomia é colírio para as pupilas. Ver diferente, pensar dinamite; mais do que a mente, sentir é saber: a vida não é asséptica, nem restringe os sentidos como fazem os regulamentos instituídos. Refletir é espelhar, repercutir simbioticamente o saber disposto sobre os topos que os olhos projetam nas coisas. A universidade está aquém do imaginável; o possível está a quem está além das regras que o precederam. Saber é como navegar, roer o desconhecido, brincar com o que apenas ganhou nome ou ainda não, suscitar focos de luz sobre o mistério que alaga muito mais que o corpo, excede o tabuleiro, a mesa, o quadro-negro (ou branco); a diferença é uma pureza insaciável, o conhecimento é jogo em aberto, rio correndo, oceano mais vasto que o afluente acadêmico.

Assim como são inesgotáveis os objetos do conhecimento, também o são as formas de abordá-los. É possível experimentar uma aprendizagem não como instrução, mas como ontogênese: construir o objeto através da subjetividade, enquanto essa se constrói reciprocamente. O olhar que se lança sobre um objeto recebe de volta o olhar do objeto sobre si; ambos se transformam. Reconhecer, admitir e dançar com o campo aberto, vulnerável às afetações mútuas que constituem o inexplicável da vida, na experimentação do conhecer. A instrução, convencional, busca "que tudo funcione bem, que sejamos capazes de prever com boas chances de acerto o que vai nos acontecer, que sejamos capazes de evitar conflitos [...]" (FERRO, 2017, s/p). A ontogênese depende da capacidade de mudar a si próprio diante das interações; de deixar-se afetar. Quando se educa pela instrução, "a consequência de sua aplicação não é a potencialização da vida, mas a especificação de um funcionamento" (FERRO, 2017, s/p), a estabilização em baixa potência. A ontogênese aceita interações não controladas, sem que constituam ameaça; experimenta o risco e a ebulição, sabendo-sentindo que é justamente nesse ponto limítrofe que a (trans)formação acontece.

O tempo, o espaço, os sons, a estética, todos os sentidos, a paralaxe⁵ entre as perspectivas vêm a compor parte de como o conhecimento surge e afeta, de que modo altera a percepção do mundo e marca a memória. A imaginação se mostra central no processo de conhecer, desde

antes e através. George Lakoff e Mark Johnson (1980) afirmam que, sendo nosso sistema conceitual fundamentalmente metafórico, e a mente corporificada (*embodied*), linguagem e experiência sensório-motora estão diretamente ligadas e funcionam como a base para a complexidade do pensamento. Em suas palavras,

A hipótese da mente corporificada enfraquece radicalmente, portanto, a distinção percepção/concepção. Em uma mente corporificada, é concebível que o mesmo sistema neural engajado na percepção (ou em movimento corporal) desempenhe um papel central na concepção. Ou seja, os mesmos mecanismos responsáveis pela percepção, movimentos e manipulação de objetos poderiam ser responsáveis pela conceitualização e pelo raciocínio (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 37-38, tradução nossa).⁶

A discussão, então, é uma dança. O silêncio e a suspensão revelam-se experiências pedagógicas. O vazio assume seu (im)próprio lugar e função; ou, para evitar a instrumentalização: o vazio oferece sua perspectiva ao que se conhece. No silêncio, toma-se tempo. Sentir, observar, digerir, num silêncio que não é falta, mas outra forma de presença. O tempo muitas vezes desacelera, deixa de correr – ao meditar, ao dançar, ao olhar nos olhos de outra pessoa. Reduzindo, intensifica-se? Um jogo com o tempo para tirá-lo do dado. Com o tempo passado, a memória dos encontros, sentida então como inesquecível, revelou-se efêmera, tendo exigido um arsenal de esforços para sua reconstituição. Numa edição futura, conviria produzir registros completos durante o andar da carruagem.

As edições de Tópicos Utópicos experienciaram a potência pedagógica que tal tipo de exercício pode trazer à disputa de valores que hoje incandesce entre as políticas tradicionais, a propagação da degeneração e a potência de vida viva que ainda transpassa os corpos. Percorrer modos outros de enunciar, de contar a história, de pôr as palavras em circulação, são maneiras de alongar os territórios usuais da racionalidade, do sentipensar, da imagem do pensamento, da percepção, e assim transformar aquilo que sustenta e impele o Mesmo. Experiências pedagógicas radicais convidam à imaginação política de novas sociabilidades, de maneiras outras de colocar-se nas relações entre os sujeitos (árvores, animais, pedras, humanos, estrelas) e, assim, também de modos diversos e variados de existir — “existir é diferir” (TARDE, 2007) — neste pluriverso onde “o real é apenas um caso do possível.” (VARGAS, 2007, p. 26). É nessa direção que, alegremente, caminhamos.

A PRAIA SOB O ASFALTO⁷

em algum mundo que inventamos
um espectro astuto paira a assombrar
as retrógradas e hegemônicas potências
vertendo o noturno rastro das estrelas
nas margens, crateras, fissuras, no mar

à medida que novas eras forem anunciadas
percorreremos o deslumbre das nuvens feito
astronautas escavando em bando o oásis
caseiro achatado das palavras escondidas
em espaços e fendas prenhes de desejo

somente a poesia, este esporte de abate
comungará favorável as vicissitudes daqueles que
esperam com fervor a erupção do novo sem deixar
escapar de suas bocas o recurso último do sorriso

mesmo que as muralhas se ergam em sobressalto
do retrato aprisionador da realpolitik tomaremos
o céu de assalto atravessando sem pudor a procissão
dos ruídos inaugurando uma cartografia inaudita de
abraços entornando as ondas a areia e o mato revestindo
o cotidiano com nossa gramática dos sonhos alinhavada
pelas utopias e seus escorregadios laboratórios

¹ O Laboratório da Utopia (Luta), vinculado ao Laboratório de Sociologia do Trabalho (LASTRO), identifica, sistematiza e dissemina experiências coletivas de sociabilidade anticapitalista ou não-capitalista. Mais informações disponíveis em <http://luta.ufsc.br/>.

² “Pensar significa descobrir, inventar novas possibilidades de vida” (DELEUZE, 1976, p. 48). “Não há nunca outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 98)

³ Participaram da preparação de encontros, além dos/as autores/as deste artigo: Diane Southier, Luísa Tavares, Ricardo Bez Claumann, Lucas Weber, Clarissa Levy, Fábio Salvatti, Thor Veras, Vinícius Sena, Carlos André dos Santos, Laís Regina Schmitz, Nilson Abadias.

⁴ A recuperação das experiências recorreu à memória dos/as autores/as, aos planos de “aula” elaborados pelos/as voluntários/as a cada encontro, ao registro iconográfico produzido a cada sessão e a anotações produzidas por participantes no documento coletivo “depósito de piras”. Na produção do artigo, percebemos a imperfeição desse conjunto de fontes para a documentação daquelas experiências, cujo caráter único seria recuperado adequadamente apenas com produções a partir de registros audiovisuais (hipótese que ocorreu à equipe apenas nos últimos encontros, onde três destes receberam, cada um, um “microDoc experimental”, os quais: tempo/morte (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZgJfohJNaH>), amor (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=83AtyYbGvf8>) e o buraco da emoção (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=etw2QXhNUCA>).

⁵ Nicolas Soutsanis enfatiza a importância física e simbólica da paralaxe, o cruzamento da perspectiva de ambos os olhos para constituir a profundidade da visão humana (visão estereoscópica). Assim como entre dois olhos, também dois olhares multiplicam a profundidade do que se vê. O tema também foi desdobrado por Slavoj Žižek.

⁶ “The embodied-mind hypothesis therefore radically undercuts the perception/conception distinction. In an embodied mind, it is conceivable that the same neural system engaged in perception (or in bodily movement) plays a central role in conception. That is, the very mechanisms responsible for perception, movements, and object manipulation could be responsible for conceptualization and reasoning”.

⁷ Contribuição de Thor Veras, que acompanhou grande parte dos encontros da primeira temporada do Tópicos Utópicos.

REFERÊNCIAS

BATESON, Gregory. *Mente e natureza: uma unidade necessária*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1986.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Introdução - p. 35-58)

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1975.

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

COMITÊ INVISÍVEL. *Motim e destituição: agora*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Luiz Orlandi. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 5. São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. *A universidade sem condição*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

DUARTE, Pedro. A utopia do pensamento. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O novo espírito utópico*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

EIDAM, Heinz; TOMAZETTI, Elisete M.; SANTOS, Robinson. *Questionamentos filosóficos em sala de aula: ou 27 teses para uma necessária ignorância do professor*. Revista Filosofazer, v. 18, n. 34, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

HOLLOWAY, John. *Fissurar o capitalismo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 1979.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

- NEIL, Alexander Sutherland. *Liberdade sem medo*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência* [1882]. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2005.
- ONETO, Paulo D. *A Nomadologia de Deleuze-Guattari*. [S. l.], Lugar Comum, n. 23-24, p. 147-161, 2010.
- RAMO Y AFFONSO, Ana Maria. *O corpo do xamã e a passagem de Carlos Castaneda*. 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ROGERS, Carl. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1961.
- SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. São Paulo: Ed. Veneta, 2017.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- STREECK, Wolfgang. *How Will Capitalism End?*. *New Left Review*, n. 87, 2014, p. 35-64.
- TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia e Outros Ensaio*s. São Paulo: Cosac & Naify, 2007. 286 pp.
- VARGAS, Eduardo V. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. In: TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia e Outros Ensaio*s. São Paulo: Cosac & Naify, 2007. 286 pp.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Filiação intensiva e aliança demoníaca*. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n. 77, p. 91-126, mar. 2007.
- WRIGHT, Erik Olin. *How to be an Anticapitalist today*. *Jacobin Magazine*. Disponível em: <https://www.jacobinmag.com/2015/12/erik-olin-wright-real-utopias-anticapitalism-democracy/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

**BEYOND REASON: RADICAL TEACHING AND LEARNING EXPERIENCIES IN SOCIAL
SCIENCES (A REFLECTION ON THE “UTOPIAN TOPICS” COURSE, 2017-2018)****ABSTRACT**

The article reports radical pedagogical experiences conducted between 2017 and 2018 as part of an extension course at the Federal University of Santa Catarina called Utopian Topics. The course aimed to deal with unusual themes in the specialized disciplines of Social Sciences (Anthropology, Sociology, Political Science), exploring original dynamics of stimulating learning and collective construction of knowledge. Around topics such as love, death, magic, dream, the course reached 164 people, from all academic levels, with varying degrees of engagement. The teaching strategies adopted aimed to explore non-rational and unconventional aspects of the construction of knowledge - art, play, body, affection, collectiveness, spontaneity, etc. The combination of a wide variety of learning dynamics has stimulated the dissolution of boundaries between the rational and the extra-rational, producing intense experiences in creativity, risk, study, and understanding. Such practices mobilized the concepts of libertarian and non-formal education, elements of other areas of knowledge and even non-academic knowledge.

Keywords Utopia. Non-formal education. Sociology teaching.

**MÁS ALLÁ DE LA RAZÓN: EXPERIENCIAS DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE
RADICALES EN CIENCIAS SOCIALES (REFLEXIÓN SOBRE EL CURSO
“TÓPICOS UTÓPICOS”, 2017-2018)****RESUMEN**

El artículo reporta experiencias pedagógicas radicales realizadas entre 2017 y 2018 en el ámbito de un curso de extensión de la Universidad Federal de Santa Catarina denominado Tópicos Utópicos. El curso se propuso abordar temas inusuales en las disciplinas especializadas de las ciencias sociales (antropología, sociología, ciencias políticas), explorando dinámicas originales de estimulación del aprendizaje y la construcción colectiva del conocimiento. En torno a temas como el amor, la muerte, la magia y los sueños, el curso alcanzó 164 personas, de todos los niveles académicos, con distintos grados de compromiso. Las estrategias adoptadas tenían como objetivo explorar aspectos no racionales y no convencionales de la construcción del conocimiento, aunque fundamentales – el arte, el juego, el cuerpo, el afecto, lo colectivo, lo espontáneo etc. La combinación de una gran variedad de dinámicas de aprendizaje estimuló la disolución de las fronteras entre lo racional y lo extrarracional; el resultado fueron intensas experiencias de creatividad, riesgo, estudio y comprensión. Dichas prácticas movilizaron los conceptos de educación libertaria y educación no formal, elementos de otras áreas de conocimiento e incluso conocimientos no académicos.

Palabras clave: Utopía. Educación no formal. Enseñanza de sociología. Experiencias pedagógicas. No racional.

Submetido em: março de 2021.

Aprovado em: maio de 2021.

Publicado em: maio de 2021.